

A CONSTRUÇÃO DA TOPOFOBIA EM *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*

Lilliân Alves Borges¹(UFU)

lillianborges85@gmail.com

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marisa Martins Gama-Khalil

RESUMO: Nosso trabalho possui como objetivo demonstrar como se configura a construção de um espaço topofóbico pelo narrador-protagonista na obra *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos, possuindo como corpus de análise o capítulo 14 do vol. II da referida obra. O conceito de topofobia é utilizado pela Topoanálise para demonstrar como entre o espaço e a personagem da narrativa há uma ligação geradora de sentimentos negativos, disfóricos. Analisaremos, por meio do percurso espacial feito pelo narrador-protagonista (galpão- fila do banheiro- banheiro), o processo de construção de um espaço marcado pelo medo, humilhação; intentando demonstrar de que forma os recursos estéticos, tais como os gradientes sensoriais e as coordenadas espaciais corroboram para o desenvolvimento de um espaço topofóbico. Os gradientes sensoriais são os sentidos humanos usados para mostrar como o narrador-protagonista mantém uma relação com o espaço e, para nossa análise, destacaremos os seguintes: audição, visão e tato. As coordenadas espaciais com as perspectivas da prospectividade e da lateralidade irão estabelecer em que eixo espacial está estabelecido o percurso feito pelo narrador-protagonista. Percebemos que durante o percurso espacial percorrido pelo narrador-protagonista temos uma gradação de sentimentos relacionados ao medo, gradação essa gerada por cada um dos espaços percorridos. Na gradação há um aumento dos sentimentos de desgosto, de indignação, de medo. Verificamos, dessa forma, que o narrador-protagonista vivencia um espaço permeado por medo, humilhação, angústia, vergonha e que essa disforia colabora para que possamos compreender o relato das memórias narradas.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço, Topofobia, Memórias do Cárcere, Gradientes Sensoriais, Coordenadas Espaciais.

Introdução

Na obra *Memórias do Cárcere*, assim como o próprio título da obra já sugere, há uma rememoração de espaços carcerários, espaços esse que, a priori, poderíamos pressupor que são narrados de forma genérica, podendo se tratar de quaisquer cárceres. Porém, essa narrativa trata, especificamente, das memórias dos espaços prisionais em que Graciliano Ramos ficou detido durante a Ditadura Vargas. Assim, ocupando a posição de um narrador-protagonista, Graciliano Ramos percebe e constrói esses diversos espaços carcerários.

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-Graduada no curso "Lato Sensu" Especialização em Crítica Literária e Ensino de Literatura pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM (2009).

Será por meio da proposta da Topoanálise que verificaremos a forma como ocorre a relação entre espaço e personagem dentro da obra, sendo que essa pode ocorrer de duas formas distintas: a Topofília e a Topofobia. Nosso foco de estudo é referente à topofobia, portanto, com esse trabalho, nosso objetivo é verificar como se configura a construção de um espaço topofóbico pelo narrador-protagonista, possuindo como corpus de análise o capítulo 14 do volume II da obra *Memórias do Cárcere*.

Origem do Medo da Prisão

A prisão em sua origem não era um espaço para se cumprir pena ao ter cometido um crime, e sim um espaço em que as pessoas ficavam enclausuradas aguardando a decisão da justiça de qual seria sua pena pelo delito cometido.

Não ser um espaço destinado, originalmente, para punir criminosos, não diminuiu o fato de a prisão ter sido um dos espaços mais geradores de fobias na população, conforme podemos ver nas palavras de Tuan:

As celas de algumas prisões estavam no subsolo; nelas “eram colocados os prisioneiros para lutar com ratos pela escassa quantidade de comida jogada a eles através de um alçapão”. Frequentemente as celas eram úmidas e o chão chegava a estar coberto com vários centímetros de água! (TUAN, 2005, p.310)

Na descrição acima, presente na obra *Paisagens do Medo* do Tuan, temos uma descrição das prisões que existiam no ano de 1776 na Inglaterra; o que dimensiona um espaço marcado pela degradação, onde os presos eram obrigados a lutar pela comida com os ratos, deixando claro que a prisão nunca foi um espaço idealizado para receber nenhum tipo de pessoa, até mesmo um criminoso, devido as suas condições execráveis. Nesse sentido, a prisão constitui-se como um espaço gerador do desejo do não-estar, porque nele o indivíduo tende a perder seu espaço de sujeito, sendo interpelado por práticas de assujeitamento frequentes.

Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* nos insere no percurso histórico das prisões, como essas eram espaços que, além de privarem os indivíduos da liberdade, também não possibilitava o cumprimento da pena de forma digna, pois os presos eram submetidos a pequenas, porém degradantes punições diárias como segue na citação: “Porém castigos como trabalhos forçados ou prisão – privação pura e simples da liberdade – nunca funcionaram sem certos complementos punitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra”. (FOUCAULT, 1999, p.19)

Assim, percebemos que o medo do espaço do cárcere atravessou o tempo, devido as suas condições precárias, conseguindo que os encarcerados fossem dessubjetivados, massificados e em determinados casos transformados em animais.

Em *Memórias do Cárcere* é verificável o processo de animalização dos presos que compartilham o espaço do cárcere com o narrador-protagonista, entretanto ressaltamos o fato de que o protagonista da obra reflete acerca do processo de zoomorfização que ocorre com os seus companheiros de prisão, desaprovando esse tipo de comportamento; pois para o nosso protagonista, apesar do espaço ser degradante, os indivíduos não podem se deixar corromper por ele, mantendo-se firme aos seus valores morais e éticos. É essa postura diferenciada do narrador-protagonista de rejeição ao espaço do cárcere e a recusa à zoomorfização, que tomamos em nosso trabalho.

Recorte de Análise

No capítulo 14 do volume II da obra *Memórias do Cárcere*, o narrador-protagonista irá nos relatar sobre um dos seus momentos vividos dentro da Colônia Correccional.

Todos os presos temiam serem transferidos para essa prisão, pois era o local em que ficavam os prisioneiros mais violentos, como assassinos, estupradores, além da existência de trabalhos forçados; uma alimentação insuficiente, malfeita, um ambiente inóspito e totalmente desapropriado; até mesmo por se tratar de um espaço prisional. Dessa forma, percebemos que a Colônia de Correccional foi uma das prisões mais degradantes, em que os indivíduos foram levados ao mais alto grau de humilhação e de animalização.

No capítulo analisado, o narrador-protagonista estava deitado em um galpão no período da noite, tentando dormir, quando verifica a necessidade de utilizar o banheiro da prisão. Será analisado o percurso espacial (galpão – fila do banheiro – banheiro) que o protagonista fez e, por meio da teoria utilizada, consideraremos de que forma esses espaços ocupados durante o percurso feito pelo protagonista gera sentimentos disfóricos.

Uma breve análise

Para realizar nossa compreensão dos espaços topofóbicos, analisaremos alguns recursos estéticos, tais como os gradientes sensoriais e as coordenadas geográficas, que aparecem no referido capítulo 14 da obra. Começaremos pelos gradientes sensoriais que o narrador-protagonista utiliza para perceber e construir os espaços.

Ao falarmos de gradientes sensoriais estamos fazendo referência aos cinco sentidos que os seres humanos usam, sendo que em nosso recorte de análise há a predominância dos seguintes sentidos: audição, tato e visão.

Com relação ao uso da audição, constatamos que há a dicotomia silêncio x barulho, conforme os trechos da obra abaixo:

Veio a ordem de silêncio e os corpos estenderam-se. Mas não ficaram em repouso e o silêncio era impossível. (RAMOS, 1979, p.74)

Findo o rumor tumultuário das conversas, formaturas, chamadas, combinações, rixas, avultava um ruído complexo feito de tosses, ofegos, arrotos, borborigmos, ventosidades fragorosas. (RAMOS, 1979, p.74)

Constatamos que não há silêncio no lugar, nem mesmo, quando os guardas exigem, como uma maneira de estabelecer um horário de reclusão para dormir aos detentos e isso nos remete a um espaço tumultuado, de desordem, de um comportamento rude e grosseiro dos indivíduos encarcerados, não havendo, dessa forma, a existência de regras de convívio. Ainda percebemos, pelas citações, que no primeiro espaço, o galpão, predomina-se, então, o barulho, havendo um tumulto de conversas, ruídos corporais, os quais são marcados pelos vocábulos “arrotos”, “tosses”, “borborigmos”, “ventosidades fragorosas”.

Relevante percebermos a natureza abjeta dos ruídos, pois são ruídos que advém de atos asquerosos, desta forma, em um lugar que representa a total abjeção, os sons também contribuem para a constituição da abjeção espacial. De acordo com Julia Kristeva (1980), o abjeto é aquilo que é expelido para fora do sujeito ou para fora da sociedade. Assim, a prisão é um espaço-abjeto; por isso, a composição desse espaço será construída por meio de gradientes sensoriais que também provocarão repulsão e abjeção.

O narrador-protagonista sente na pele (tato) o espaço, ou seja, um espaço frio que o deixa inquieto e isso nos possibilita analisar que na percepção do espaço há a dicotomia frio x quente. É sentindo frio que o protagonista constata estar em um espaço praticamente aberto, porque um vento entra no galpão de forma constante, tornando o repouso impossível e angustiante durante a noite: “Um frio terrível, frio de maleita, a carne a eriçar-se, os dentes a ranger sem descontinuar” e “O frio espicaçava-me, os queixos batiam castanholas”. (RAMOS, 1979, p.76). O frio sentido pelo protagonista é tão intenso que é comparado a um frio sentido por uma pessoa doente, como se estivesse com malária, conforme se percebe no trecho: “frio de maleita”; além disso o frio deixa o corpo em uma convulsão proporcionada pela tremedeira do queixo e dos dentes.

É possível, também, inferirmos que mesmo estando um ambiente praticamente aberto, com bastante entrada de vento, se o protagonista possuísse algum tipo de cobertura e agasalho para se cobrir, talvez, ele não sentisse tanto frio e não se sentisse tão esgotado fisicamente. Assim, percebemos, pela descrição de suas condições, que além do espaço possuir uma sensação térmica hostil; não há nenhuma forma de minimizá-la, seja com agasalho e/ou cobertas.

Por fim, é possível perceber que o narrador-protagonista se utiliza da visão para apreender o espaço em que se encontra e, por meio desse gradiente sensorial, verificamos duas dicotomias, a saber: visibilidade x invisibilidade e irrealidade x realidade.

O narrador-protagonista recusa-se a enxergar o cárcere, ele fecha os olhos para não ver a realidade que o rodeia: “Uns restos de pudor fechavam-me os olhos, o quadro inverossímil sumia-se, isento de realidade, penosa visão de pesadelo” e “A fadiga permanecia, os olhos fechavam-se”. (RAMOS, 1979, p.74 e 75)

A ação de fechar os olhos é advinda do pudor do protagonista, ou seja, ao não enxergar o que está acontecendo, ele se mantém firme em seus valores morais, respeitando os outros, a si mesmo, além de manter a sua dignidade e individualidade. Assim, a invisibilidade das cenas que ocorrem naquele espaço prisional permite ao narrador-protagonista preservar de certa forma a sua individualidade distinguindo-o dos outros personagens, os quais se animalizam ao aceitar que o espaço os modifique.

Para o narrador-protagonista, as cenas que o rodeiam são irreais, inverossímeis, por isso, a presença da dicotomia irrealidade x realidade. Assim, no seu ponto de vista, as pessoas, as ações se tornam fantasia, ou melhor, um pesadelo.

Relevante notar que, normalmente, quando temos pesadelo, ao dormimos, abrimos os olhos para recobrar a consciência e fugir do pesadelo; porém o que o protagonista faz é o contrário: para sair da realidade nefasta, irreal, que parece um pesadelo, ele fecha os olhos, parece dormir, e, dormindo, foge da realidade e de todas as angústias e medos que ela proporciona.

A disforia aumenta quando o narrador-protagonista chega ao espaço da fila do banheiro, conforme constatamos no trecho abaixo:

Em todas viam-se homens de cócoras, e diante deles estiravam-se filas, esperando a vez, cabisbaixas na humilhação, torcendo-se, a exhibir urgências refreadas a custo. Essa mostra indecorosa, a falta de mínima dignidade, encheu-me de vergonha e medo, tolheu-me a ação. (RAMOS, 1979, p. 75)

O narrador-protagonista ao refletir sobre a situação das pessoas na fila do banheiro e no banheiro, vendo-as em uma situação degradante, parecendo animais que fazem suas

necessidades onde acham lugar, sem se preocuparem com a sua dignidade e com as outras pessoas; sentia-se receoso, hostilizado, pois toda essa situação gera degradação e zoomorfização dos indivíduos.

Com relação ao eixo espacial em que estão localizados os espaços ocupados pelo protagonista, verificamos a presença das seguintes coordenadas espaciais: a alteridade (direita x esquerda) e da prospectividade (perto x longe).

O narrador-protagonista, ao partir do galpão onde estava deitado, direcionando-se para o banheiro, caminha poucos metros; porém para ele a distância é uma “viagem de poucos metros”. Assim, constatamos que o banheiro fica perto do galpão (espaço inicial), mas a distância a ser trilhada se torna uma longa viagem devido à dor, ao medo, e à humilhação que vai encontrando em cada um dos espaços percorridos.

Ao descrever o primeiro espaço, o galpão, percebemos que ele se encontra à direita, e o banheiro à esquerda e que quanto mais caminha em direção ao seu destino, maior é o medo, a repugnância e o nojo.

Relevante apontarmos que o lado esquerdo é bastante marcado no Ocidente como o lado do feminino que se opõe ao masculino, sendo que o lado feminino é soturno e satânico. Para os Celtas, a esquerda é nefasta, de mau agouro (CHEVALIER, 2008). Essas descrições da simbologia do lado esquerdo enquadram-se perfeitamente aos sentimentos negativos gerados pela ligação entre espaço e personagem, pois esse se sente humilhado, angustiado, preocupado e com medo.

Dessa forma, quanto mais ele caminha para longe e para o lado esquerdo do galpão, mais disfórico o espaço vai se tornando e, assim, percebemos que o protagonista, em seu percurso espacial, caminha por espaços topofóbicos que podem causar a ruína moral e física – e até mesmo a morte. Sendo assim, o espaço final, seria um tipo de abatedouro, onde os indivíduos zoormofizados serão abatidos.

Nesse espaço final, onde o narrador-protagonista perde sua individualidade, suas características humanas, caminhando para uma possível morte; vai ao encontro de nosso entendimento da obra como um todo, ou seja, encarcerar, calar, animalizar e até mesmo matar são as atitudes praticadas pelo poder instituído, para que assim o narrador-protagonista com suas ideias revolucionárias contra o governo, não as pratique. Portanto, mais do que encarcerar o corpo do narrador-protagonista, o poder instituído quer transformá-lo em um animal que não pensa, “matando” sua voz, seu desejo por mudança social.

Considerações Finais

Em nossa análise verificamos que o narrador-protagonista de *Memórias do Cárcere*, em seu percurso espacial (galpão – fila do banheiro – banheiro), mantém uma ligação topofóbica com cada um desses espaços, gerando, assim, sentimentos de humilhação, desgosto, angústia, vergonha e também de reações físicas como asco, nojo.

Foi possível verificarmos, também, que essa disforia ocorre de forma gradativa, ou seja, enquanto está deitado no galpão, o narrador-protagonista se sente agoniado, inquieto pelo excesso de barulho, pelo frio; e quando chega à fila do banheiro essa disforia aumenta, pois ele depara com um espaço, que em seu ponto de vista era inconcebível, irreal, devido à condição excessiva de exposição das misérias humanas, de total humilhação; sendo assim, um verdadeiro pesadelo. É no espaço final do banheiro que o ápice da disforia ocorre e o medo da morte é o sentimento que o protagonista tem em decorrência do espaço em que se encontra forçado a estar.

A percepção e construção dos espaços disfóricos percorridos pelo protagonista colabora para que possamos compreender e aceitar o relato das memórias narradas na obra, memórias de prisão de um preso político na Ditadura Vargas, o qual estava exposto a toda supressão possível de um período na história do país, que foi marcado pelas injustiças sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BORGES Filho, Ozíris. *Espaço e Literatura: introdução à Topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alan – *Dicionário de Símbolos: (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KRISTEVA, Julia. *Pouvoirs de l'horreur: Essai sur l'abjection*. Paris: Seuil, 1980.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. São Paulo: Record, Vol. II., 1979.
- TUAN, Yi Fu. *Paisagens do Medo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- TUAN, Yi Fu. *Topofília: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do meio-ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.